

AEE/EJA na construção de saberes significativos

Nilza Maria de Oliveira

*Mestra em Estudos Linguísticos e Formação de Professores
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do
Triângulo Mineiro (IFTM)*

Resumo

Neste trabalho, proponho-me relatar a experiência vivenciada durante as atividades de intervenções realizadas com uma das minhas alunas, matriculada na Educação de Jovens e Adultos (EJA) e encaminhada aos Atendimento Educacionais Especializados (AEE) de uma instituição pública de ensino na rede municipal de Uberaba/MG. Este estudo se caracteriza como descritivo-narrativo, tipo relato de experiência. As atividades foram desenvolvidas com aluna matriculada na EJA 1º segmento/1º período com idade acima dos 30 anos. Percebeu-se que o espaço educacional AEE se configurou em um instrumento facilitador/mediador na construção do conhecimento por se apresentar um ambiente de interação, fortalecer ações e atividades e permitir a articulação dos conteúdos curriculares com os saberes prévios trazidos do cotidiano do aluno público-alvo da EJA. As intervenções foram direcionadas com objetivo de alfabetizar uma aluna adulta com fala comprometida em função da fissura labial e palatina (CID 10: Q37.5 – Fenda dos palatos duro e mole com fenda labial unilateral). Tais intervenções contribuíram com o fortalecimento da autoestima, autoconfiança e quebra de paradigma que aluna entendia como causa/consequência do seu não aprendizado. Posso antecipar o resultado parcial que a aluna passou, de acordo com a teoria da Psicogênese da língua escrita, do nível Pré-silábico para Alfabético resultando em um empoderamento e, conseqüentemente, a permanência dela na EJA e no AEE, fato que, relatado por ela mesma, ainda não havia acontecido em todas suas tentativas de inserção em meios escolares.

Palavras-chave: Experiência no AEE. Alfabetização na EJA. Construção do conhecimento.

Introdução

As Matrizes Curriculares para a Educação de Jovens e Adultos (EJA) propõem a ampliação do ato de ressignificar os direitos de aprendizagens, a partir da prática coerente em espaço e tempo de estímulo à construção da própria vida, vem ao encontro das propostas de intervenções planejadas para os atendimentos no Atendimento Educacionais Especializados (AEE) para este público-alvo. Nesse sentido, tem a intenção de considerar o conhecimento construído a partir da realidade socioeconômica e familiar dos alunos como fator de acesso ao desenvolvimento e a construção da aprendizagem em articulação com as ações pedagógicas em sala de aula do ensino regular. Foi por considerar a diversidade que caracteriza o perfil desses educandos matriculados na modalidade EJA e, também, inseridos no AEE, que os objetivos propostos no Plano de Ação (PA), caracterizam-se também como práticas educativas significativas, objetivando a humanização das relações existentes dentro e fora da escola.

A organização dos atendimentos no espaço do AEE para alunos matriculados na EJA, fundamentam-se na Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008) que apresenta a proposta de ampliação de conhecimentos, métodos e processos na escolarização das pessoas com deficiência¹. Dentre estes, o AEE é um serviço da educação especial que “[...] identifica, elabora e organiza recursos pedagógicos e de acessibilidade, [...] considerando suas necessidades específicas” (SEESP/MEC, 2008, p. 16).

¹ Deficiência: *sf* 1. Medicina: insuficiência ou ausência de funcionamento de um órgão. “d. glandular” 2. Psiquiatria: insuficiência de uma função psíquica ou intelectual. “d. mental” (<https://www.google.com.br>)

Na unidade de ensino da rede municipal onde aconteceu a experiência, o espaço educacional AEE configurou-se em um instrumento facilitador na construção do conhecimento, apresentando-se um ambiente de interação e fortalecimento das ações e atividades. A atuação deste espaço foi a de facilitador da articulação dos saberes construídos com a exposição aos currículos disciplinares em sala de aula regular, com os construídos posteriormente trazidos do cotidiano do aluno público da EJA. As intervenções foram direcionadas objetivando alfabetizar para o registro escrito uma aluna adulta com fala comprometida (nasalada) em função da fissura labial e palatina (CID 10: Q37.5 – Fenda dos palatos duro e mole e fenda labial unilateral), conforme prescrito no Laudo apresentado pela aluna.

A pessoa que apresenta sequela decorrente de fissura labiopalatina, de acordo Hanayama (2009), pode apresentar alterações de naturezas diversas na comunicação verbal. Os sons que podem se apresentar alterados são:

As consoantes que requerem pressão intra-oral em sua produção, ou seja, as obstruentes: as plosivas, as fricativas e as africadas. As plosivas são aquelas produzidas pela plosão bilabial, linguoalveolar ou linguopalatal: /p/, /b/, /t/, /d/, /k/ e /g/. As fricativas são aquelas produzidas pela fricção entre lábio, língua e palato: /f/, /v/, /s/, /z/, /x/ e /j/. As africadas são aquelas produzidas por uma combinação entre plosão e fricção: /tx/ (como em “titia” na maior parte das regiões brasileiras) e /dj/ (como em “dia” na maior parte das regiões brasileiras). b. As consoantes que requerem as estruturas alveolares e palatinas intactas para a produção. São as líquidas: o /l/ e o /lh/ e a vibrante /r/ assim como todas em que se requer o contato linguoalveolar ou linguopalatal citadas acima. (HANAYAMA, 2009, p. 119)

Outra grande preocupação dos pesquisadores Altmann (1994) e Freitas (1998) diz respeito à audição, uma vez que, em virtude da abertura e comunicação das cavidades oral e nasal, há dificuldades de aeração da orelha média por conta da tuba auditiva ineficiente em decorrência do funcionamento debilitado do músculo tensor do véu palatino ou anomalias anatômicas da tuba auditiva e seu funcionamento (ALTMANN, 1994; FREITAS, 1998, p. 193).

Portanto, acredito que as propostas de intervenções do AEE em parceria com a EJA atuam como agentes fortalecedores do processo de inclusão no sentido de inserir, num contexto social mais amplo, os alunos que por uma razão ou outra sentem-se excluídos tanto social, quanto profissional.

Metodologia

Este relato descreve uma experiência vivenciada por mim e uma de minhas alunas matriculada na Educação de Jovens e Adultos (EJA) e inserida nos Atendimento Educacionais Especializados (AEE) de uma unidade escolar de Ensino Fundamental na rede municipal de Uberaba/MG. Atuante tanto no espaço do AEE quanto na EJA,

com vivências de mais de 50% dos alunos laudados descrevendo suas limitações e necessidades individuais de aprendizagem, a partir de agora descrevo a experiência.

Ao receber a aluna no início do ano letivo de 2018, percebi que ela, recém-chegada da região nordeste, se apresentava tímida, evitava diálogos, principalmente com os novos colegas. Quando precisava de ajuda me chamava em sua carteira e falava baixo, parecia que tinha receio de que os colegas a ouvissem. Confesso que tive dificuldade em compreender algumas palavras, as quais eu lhe pedia que repetisse bem devagar. Com este processo, fui naturalmente conquistando largos sorrisos e a confiança que me revelasse que se sentia desmotivada em relação ao estudo em função das várias tentativas frustradas de escolarização.

Em uma dessas idas a sua carteira, ela justificou que sua fala comprometida era resultante de uma deficiência de nascença: fissura labial e palatina, que estava ainda em processo de reconstituição. Sabemos que as sequelas decorrentes de fissura labiopalatina podem apresentar diversas alterações na comunicação verbal e, conseqüentemente, na compreensão da própria fala.

As cicatrizes na face da aluna e voz nasalizada influenciam fortemente sua vida social e profissional, associadas à deficiência ao abandono que sofreu da mãe ao nascer. As idas a hospitais, seguidas de internações para reconstrução da fissura do palato e labial, justificam o motivo pelo qual não conseguiu frequentar escolas na idade certa. Outro motivo, segundo ela, que a afastou da escolarização, foi por não suportar o bullying que sofria. Disse, também, que depois de adulta não conseguiu permanecer em escolas onde se matriculou por não ser compreendida quando pronunciava as palavras ou por não conseguir decifrar os sons das letras. Diante dessas informações, orientei a aluna sobre o trabalho realizado pelo Centro de Referência em Educação Inclusiva (CREI), no qual eu também atuava como professora na mesma unidade. Ela aceitou de imediato. Convidei-a para uma avaliação logo na semana seguinte do início do ano letivo de 2018. A aluna foi inserida no quadro de atendidos por mim no espaço do AEE e, em seguida, encaminhada para avaliação de fonoaudiologia no CREI.

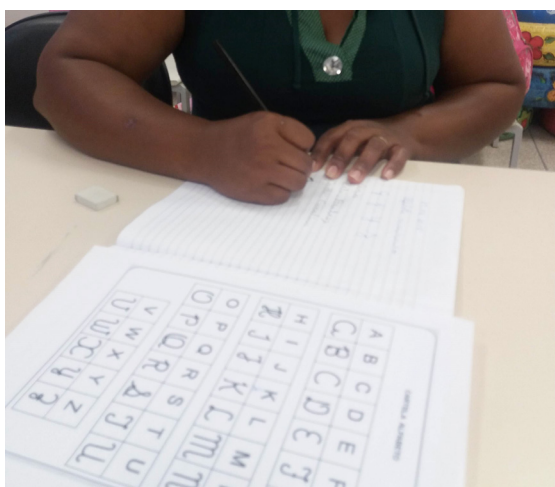
Já matriculada no quadro de atendidos no AEE, a aluna passou por avaliações que confirmou a necessidade de atendimento individualizado e direcionado à sua alfabetização inicial, a partir da apresentação dos grafemas e fonemas das letras do alfabeto. Em se tratando de uma aluna com mais de 30 anos, as letras apresentadas inicialmente foram as que fazem parte do seu primeiro nome, as vogais: /e/, /i/ e as consoantes: g/n/c/l/d. Após à apresentação das letras que compõem seu primeiro nome, as outras vieram em sucessão e/ou por solicitação da própria aluna. Com especial atenção para todas as consoantes que requerem pressão intraoral para serem pronunciadas que, de acordo com Hanayama

(1987), são as chamadas obstruentes: poliativas (/p/, /b/, /t/, /d/, /k/ e /g/), as fricativas (/f/, /v/, /s/, /z/, /x/ e /j/) e africadas (/tʃ/ e /dʒ/) e as consoantes /l/, e o /lh/, e a letra /r/, são difíceis para serem pronunciadas por requererem o contato linguoalveolar ou linguopalatal, conforme Hanayama (1987, p. 88).

Entretanto, as dificuldades de compreender sua própria pronúncia não a desanimou em momento algum. Constante aos atendimentos, acreditava que a partir daquele momento iria desenvolver a escrita e a compreensão dos sons de muitas palavras e ou nomes de pessoas conhecidas e às vezes, diante da dificuldade, muitas vezes evitava pronunciar.

Apresento, na sequência de figuras a seguir, a aluna durante atividades de treinamento e compreensão da grafia das letras do alfabeto manuscrito, inicialmente as que compõem seu primeiro nome, conforme citado acima. Paralelamente à escrita, iam sendo apresentadas ela os sons de cada letra. Na figura 1, um momento em que a aluna se encontra em atividade de treinamento da escrita e compreensão da grafia (hastes superiores e inferiores) das letras do alfabeto manuscrito em formato maiúsculo, com especial atenção para a letra G que compõe a inicial de seu nome, em atendimento no espaço AEE:

Figura 1: Aluna durante treinamento das letras maiúscula que compõe seu nome

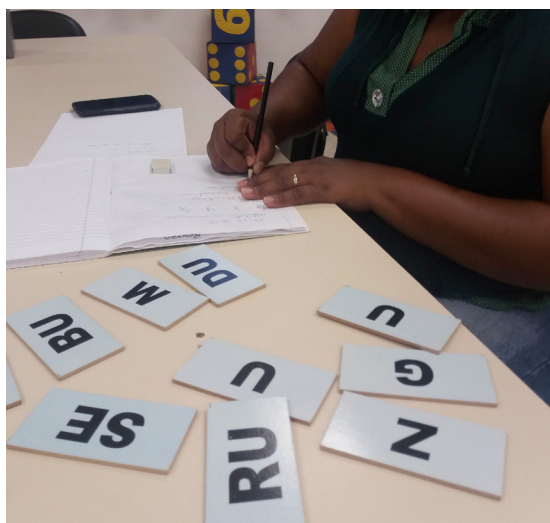


Fonte: Autora, 2018

Portanto, o Plano de Ação (PA) propunha atividades que colaborassem na construção da consciência fonológica, a princípio com as vogais, depois com as consoantes e inserindo aos poucos sílabas simples e formação de pequenas palavras. Atividades com jogos pedagógicos com imagens e palavras, silabário para formação de palavras. E, gradativamente, acrescentando palavras que a aluna sugeriu, por serem nomes de pessoas conhecidas e que não tinha noção da forma escrita da palavra. Na figura 2, a aluna se orienta pelas peças do silabário em MDF

com fundo azul claro e letras pretas em formato bastão de fácil compreensão:

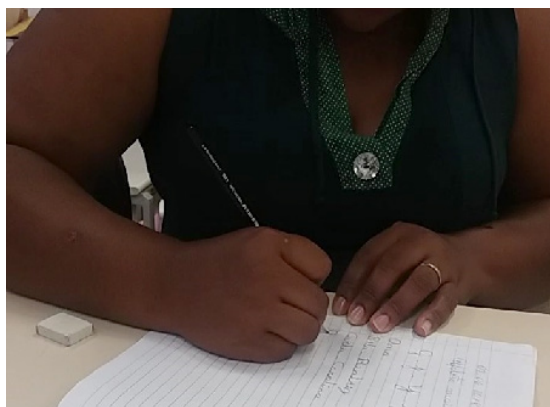
Figura 2: Aluna construindo palavras com uso de silabário em MDF



Fonte: Autora, 2018.

Para nossos encontros no AEE, a aluna levava suas dúvidas em relação à grafia de palavras e/ou expressões que a desafiavam no momento de compreender sua própria pronúncia. Uma das dúvidas era a respeito da grafia do seu nome. Orientei-a sobre o emprego correto das letras maiúsculas, pois sua assinatura apresentava comprometimento quanto às hastes superiores e inferiores. A figura 3 mostra a aluna se dedicando a treinar a grafia do seu nome.

Figura 3: Aluna grafando seu nome durante atendimento no espaço AEE.



Fonte: Autora, 2018.

Em relação ao aprendizado sobre leitura e registros escritos, posso dizer com segurança que surpreendeu até a própria aluna, quando descobriu que conseguia ler e grafar palavras e frases com sílabas simples e, com orientação, as palavras com sílabas complexas. Impossível não se emocionar

com o sorriso que transborda satisfação e empoderamento da nossa aluna-personagem deste relato.

Resultados e Discussão

As intervenções sugeridas no PA foram essenciais na construção do aprendizado na alfabetização, porém o que distingue esta aluna dos demais, tanto na EJA quanto no AEE, é a força de vontade de ser alfabetizada e a conquista da oportunidade de conviver harmonicamente em um grupo, além de poder manifestar seus saberes verbalmente sem temor de passar mais uma vez pelo processo de exclusão.

Concordo, referendada pela teoria Histórico-Cultural de Vygotsky, que “o ser humano constrói seus conhecimentos a partir das significações que concebe através das suas interações com o meio no qual está inserido” (VYGOTSKY, 1988, p.38). Assim, por meio desta parceria AEE/EJA, a construção dos saberes significativos atuou como promotor além da inclusão escolar e social, na melhora da autoestima, autoconfiança em sua capacidade de competição no mercado de trabalho que oferece cotas de vagas, porém dentre os concorrentes, vence o menos comprometido em suas necessidades particulares de comunicação, locomoção e convivência social.

Como resultado parcial, posso antecipar que a aluna passou, de acordo com a teoria da Psicogênese da língua escrita, do nível Pré-silábico para Alfabético, resultando em um empoderamento e, conseqüentemente, a assiduidade e permanência da aluna na EJA e no AEE. Fato que, relatado pela aluna, ainda não havia acontecido em todas suas tentativas de inserção em meios escolares.

Conclusões

A partir das experiências vivenciadas por mim e por uma das minhas alunas, materializada no pensamento de Rubem Alves (2005), quando ele diz que o sonho brota das profundezas do corpo. Assim vejo minha aluna participante: o desejo de conhecer o mundo que ela já conhece na oralidade, porém do qual gostaria de conhecer e participar com sua contribuição por meio da escrita, me motiva a sonhar com ela este sonho.

Finalizo esta narrativa sonhando em poder voltar e descrever o sucesso pessoal e profissional da personagem-aluna, a satisfação com sua aparência depois de finalizado o processo de reconstrução palatina e labial e, com as terapias com a fonoaudióloga, a compreensão da própria voz ao pronunciar qualquer fonema.

Outro propósito externalizado pela aluna com a habilidade da escrita, é poder escrever mensagem pelo aplicativo WhatsApp Messenger, pois ainda se sente insegura para organizar seus pensamentos em forma de mensagem grafada.

Segundo a própria aluna, as palavras de amor, carinho e amizade, quando recebidas em mensagens, ao lê-las, a emoção é mais forte!!! É isso que vou sentir, uma emoção bem forte, ao receber em breve uma mensagem de amizade e carinho escrito pelas mãos de minha aluna-personagem desse relato. Ela assim me prometeu!

Referências

ALTMANN, E.B.C. **Fissuras labiopalatinas**. Carapicuíba: Pró-fono, 1997. 555p.

ALVES, Rubem. **A Alegria de ensinar**. 9. ed. Campinas: Papirus, 2005.

Alunos da Educação de Jovens e Adultos da rede municipal já preparam Feira de Ciências e Inovação. Disponível em: <<http://www.uberaba.mg.gov.br/portal/conteudo,39813>>. Acessado em 18 de setembro de 2018.

BRASIL, Ministério da Educação – Secretaria de Educação Especial (SEESP). **Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva**. Brasília: MEC, 2008

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

MEC, Ministério da Educação e Cultura, **Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Lei Nº. 9.394** 1996.

KUMMER AW. Velopharyngeal dysfunction and resonance disorders. In: Kummer AW, ed. **Cleft palate & craniofacial anomalies: effects on speech and resonance**. San Diego: Singular;2001 p.145-76.

UBERABA, Secretaria Municipal de Educação e Cultura Matrizes Curriculares Municipais: Educação de Jovens e Adultos. 1. ed. / Secretaria Municipal de Educação e Cultura. Uberaba: PMU, 2015. 203 p.

VYGOTSKY LS, Lúria A.R.; Leontiev A.N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 6a ed. São Paulo: Ícone; 1988.